

# PINTORES CEARENSES

RAIMUNDO CELA

OTACÍLIO DE AZEVEDO

Uma das mais extraordinárias surpresas de minha vida foi quando, como fotógrafo, em 1933, fui, por intermédio de Péricles Serpa, visitar, em Camucim, o *Atelier* de Raimundo Cella. Ao penetrar no recinto, parecia-me tudo aquilo uma estranha aventura, arrancada às páginas das “Mil e Uma Noites”, tal a riqueza de quadros deslumbrantes que me ofuscavam a vista. E, na estupefação de Ali Babá ante os tesouros da caverna, veio-me logo à mente aquêlo “Abre-te Sésamo” e foi num verdadeiro mundo espiritual que mergulhei, como escafandrista que desce ao fundo do Oceano, à procura de pérolas...

A diferença, porém, era que na lenda todo o tesouro era roubado, ao passo que em tudo aquilo não havia um só traço que não fôsse seu.

Raimundo Cella era, sem dúvida alguma, o maior pintor vivo do Ceará, senão de todo o Brasil.

A sua poderosa bagagem pictórica é um grandioso acervo de arte, um valioso monumento de glória.

Quadros a óleo, aquarelas, águas-fortes, esboços a lápis, *fusain*, uns completos, outros por terminar, formam, num engaste sublime, uma verdadeira joalheria de preciosidades.

## REVISTA DA ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

A proporção que o seu corpo envelhecia, o espírito remocava e se aperfeiçoava no cadinho dos anos.

E daí as emoções inéditas que despertavam, como que num milagre de ressurreição, a cada tela que pintava, a cada pincelada que dava.

“A Ceia”, o seu último trabalho, pintado para a Base Aérea, bem demonstra a sua capacidade progressiva, a sua força de criação. Tôdas as figuras têm vida, anatomia, movimento e profunda expressão artística.

Raimundo Cela, na figura, é extraordinário. Fá-la com a maior facilidade possível.

Diante d’“A Ceia” sentimo-nos transportados, como num sonho, àquele tempo, tanto pela atitude submissa dos seus apóstolos, como pela rigorosa e autêntica indumentária.

Para dizermos algo sôbre a beleza de seus quadros não precisamos destacar êste ou aquêle, pois em todos êles vibram a mesma harmonia de côres, pureza de desenho, espontaneidade e acabamento perfeito.

Existiam, no seu *atelier*, diversos estudos de jangadeiros e não obstante o assunto ser sempre o mesmo, todavia, pelo vigor do colorido, concepção da forma, rigorosíssima fatura, estilo próprio, e naturalidade absoluta, todos primam pela intensidade de luz, perspectiva, máximo equilíbrio e evolução.

Suas personagens destacam-se como que movidas por uma força estranha, e nos deslumbram os olhos como poemas que valem por verdadeiras babilônias de poesia.

Sôbre o dorso glauco do oceano revôlto e furiosamente encrespado, levadas, de roldão, pela fúria ciclópica das ondas, as velas, como asas trêmulas e irrequietas de gaivotas, a mercê dos ventos, são defendidas e dominadas pelos braços hercúleos dos pescadores.

Sentimos, diante do mágico esplendor de suas telas magníficas, a luz intensa, escaldante, que prateia, como num banho metálico, as nossas lípidas praias ensolaradas e debruadas de espuma.

A largueza de concepção, a técnica vigorosa, o movimento contínuo, que ressalta de cada amostra que nos oferece, são,

precisamente, os três maiores, imprescindíveis fatores que o caracterizam e o diferenciam de outros pintores.

Sente-se, em cada figura, tostada pelo sol, a alma insatisfeita do cearense anônimo, do herói obscuro, nessa eterna volúpia do triunfo, nesse invencível desejo de vencer!... Suas asas, porém, são de cêra, como as asas de Ícaro, e costumam, no supremo esforço de seu remígio altaneiro, derreter aos sóis dos inevitáveis verões.

Há em tôdas as suas fisionomias convulsas, esteriotipadas pela angústia, enrugadas pelo calor tropical e pelo cheiro acre de maresia, a enorme, inenarrável ânsia que abrasa e devora muito mais ainda que a inverossímil sêde de Tântalo. É o complexo material e espiritual de tôdas as sêdes. É a vontade irrefreável de subir! É o sonho irrealizável de ascensão!

É o humílimo jangadeiro de encontro às intempéries da sorte e sôbre um mar traiçoeiro e indomável. É o jangadeiro afoito e destemido, em face dos vendavais e fazendo parede aos maiores obstáculos, dentro, apenas, de uma minúscula casca de noz, a que chamamos jangada.

“Maternidade”, dir-se-ia uma nota mais que suave, destacada de um lindo conjunto musical, onde vibram, chocam-se, e se misturam, uníssonas, as Sinfonias de Beethoven ou os Noturnos de Chopin.

Dos pintores que têm aportado o Ceará, nenhum, pelo sentimento e minudências de detalhes, anatomia perfeita, perspectiva modelar, superou o másculo perfilado de hoje, cujas obras estão fadadas a atravessar séculos.

“Cabeça de Velho”, em aquarela, é o seu melhor trabalho, a sua obra-prima, talvez. A doçura que transparece em todo o rosto excitado do prêto velho — pai João — é humana e profundamente impressionante...

“Último Diálogo de Sócrates” conferiu-lhe, galhardamente, o prêmio de viagem à Europa, onde permaneceu três largos anos, em contínua assiduidade de observação nos museus e catedrais das melhores obras do mundo.

O Ceará sempre foi pequeno demais para hospedar em todos os pontos um artista de sua têmpera. Tanto assim que, últimamente, vinha vendendo suas pinturas fora do Estado,

enviando-as para o Pará, onde adquiria o preço satisfatório que exigia.

Aqui, há, no Palácio do Govêrno: “Anchieta” e “Abolição dos Escravos”. Na Prefeitura, “Jangadeiros”, “A Ceia”, na Base Aérea, e outros quadros do Instituto de Aposentadoria e, em casa de Emílio Hinko, duas belíssimas aquarelas.

Infelizmente Fortaleza é ainda a terra das oleografias baratas.

Raimundo Cela nasceu em Sobral, a 19-7-1890, e bem nôvo ainda rumou ao Rio de Janeiro onde ingressou na Escola de Belas Artes.

— Quando, pela primeira vez concorreu ao *Salon*, obteve, desde logo, a Medalha de Prata. No ano seguinte, com o quadro “Último Diálogo de Sócrates” conquistou o prêmio de Viagem — afirma o professor Castro Filho, Presidente da Sociedade Brasileira de Belas Artes.

Errôneamente, tem-se espalhado, no Sul do País, que o pintor estacionara devido a insidiosa moléstia, o que não passava de boato, pois a bem da verdade, desde que chegou do Rio, trabalhava pelo pincel, passando a maior parte dêsse tempo em Camucim, aparentando perfeita saúde e invejável capacidade de trabalho.

De uma modéstia que se não descreve, o artista, como uma abelha ansiosa na linda colmeia — que era seu *atelier* — trabalhava e guardava avaramente, como na lenda, o seu misterioso, indecifrável segredo.

Dono de uma sólida cultura artística, primava pela maneira lhana e cavalheiresca do trato e pelo bondoso coração que possuía.

O seu nome figura numa página inteira do livro “Artistas Brasileiros”, de Teodoro Braga, alvo de apreciações dos maiores críticos brasileiros.